



VOZ DA FÁTIMA

Graça e Misericórdia: Coração de Maria, caminho para ver a Deus

EDITORIAL

Tecelões da esperança

Padre Carlos Cabecinhas

Magnifica Humanistas é o título da primeira carta encíclica de Leão XIV. É significativo que o Papa tenha querido voltar a sua atenção para uma das questões incontornáveis do nosso tempo: a inteligência artificial e as suas consequências. A reflexão está enquadrada no mais vasto contexto da doutrina social da Igreja. Na conclusão da sua reflexão, Leão XIV oferece-nos “um itinerário de vida cristã” para enfrentarmos as profundas mudanças que afetam o nosso tempo “à luz do Evangelho” (n.º 229). Ora, a sintonia entre os ensinamentos papais e a mensagem de Fátima é flagrante e é isso que gostaria de destacar.

O Papa desafia-nos a interpretar o nosso tempo, com as novas realidades que emergem e que estão na origem de profundas e radicais transformações no nosso mundo, à luz do cântico de Nossa Senhora, o *Magnificat*, isto é, com a confiança de quem sabe que o Senhor da História não nos abandona e os seus desígnios de misericórdia transformam a História a partir de dentro. Bastaria a referência ao “desígnio de misericórdia” para nos remeter para a mensagem de Fátima. Mas porque Deus conta sempre com o nosso contributo, somos desafiados a, como Maria, sermos “tecelões de esperança no nosso mundo” (n.º 245). Em Fátima, Maria foi verdadeiramente tecelã da esperança num mundo angustiado e num tempo amargurado. Foi tecelã da esperança, apontando para Cristo, conduzindo para Deus, cuja luz espargia, pois a construção de um mundo novo “deve ter como fundamento a relação com Deus” (n.º 236). Com Ela, aprendemos a contemplar Cristo, nomeadamente na Eucaristia, como caminho da humanidade. A mensagem de Fátima é profundamente eucarística e o Papa afirma que “a espiritualidade de que necessitamos é uma espiritualidade eucarística, ou seja, uma espiritualidade da unidade eclesial no amor” (n.º 234).

Com Maria, aprendemos a ser tecelões da esperança, construindo “o mundo no bem” (n.º 236). Em Fátima, Ela ensina-nos a vencer o individualismo, a cuidar das relações com os outros, a procurar construir a paz e não apenas a rezar pela paz. A estas diversas dimensões, a estas tarefas que importa realizar, o Papa chama “o estaleiro de obras do nosso tempo”. A vida dos Santos Pastinhos mostra o quanto estas atitudes permitem ir tecendo a esperança pouco a pouco, em pequenos gestos. Por fim, o último ponto que o Papa indica neste programa de vida cristã para tecer a esperança é a oração. A oração com Maria e como Maria acompanha a mensagem de Fátima do princípio ao fim.

Fátima desafia-nos a acolhermos a exortação do Papa, tornando-nos tecelões de esperança no nosso mundo.

Santuário preparado para as peregrinações de verão

Bispo de Portalegre-Castelo Branco preside à Peregrinação de Julho; em agosto, Peregrinação Nacional do Migrante e do Refugiado será presidida pelo representante do Papa em Portugal.

Diogo Carvalho Alves



D. Pedro Fernandes, bispo de Portalegre-Castelo Branco, vai presidir à Peregrinação Internacional Aniversária de 13 de julho, que evoca a terceira aparição de Nossa Senhora aos Pastinhos, na Cova da Iria, em 1917.

Neste seu primeiro ano no episcopado, D. Pedro Fernandes encara esta peregrinação como uma oportunidade para entregar a Nossa Senhora de Fátima o seu ministério na Diocese de Portalegre-Castelo Branco.

“Fátima tornou-se um dos corações fortes da Igreja em Portugal, onde também sentimos uma especial ligação ao mundo”, disse à *Voz da Fátima* o bispo de Portalegre-Castelo Branco, na antecipação destes dias.

A Peregrinação Internacional Aniversária de Julho evoca a terceira aparição de

Nossa Senhora aos Pastinhos, na Cova da Iria, a 13 de julho de 1917. Foi nesta terceira aparição que a Virgem do Rosário mostrou o Inferno às três crianças videntes, lhes anunciou que Deus queria estabelecer no mundo a devoção ao Imaculado Coração de Maria e lhes mostrou uma visão profética sobre o sofrimento da Igreja, num mundo secularizado.

A Peregrinação Internacional Aniversária de Agosto está já no horizonte e será presidida por D. Andrés Carrascosa Coso, núncio apostólico em Portugal, que, no início da sua função diplomática em Portugal, em fevereiro deste ano, veio ao Santuário de Fátima entregar a Nossa Senhora a sua nova missão.

D. Andrés Carrascosa

Coso, que também participou como orador nas Jornadas de Comunicação do Santuário de Fátima, em abril, vai presidir a uma das peregrinações que congrega maiores multidões no Santuário de Fátima, também por integrar a Peregrinação Nacional do Migrante e do Refugiado, organizada pela Obra Portuguesa Católica de Migrações.

Além da presença em grande número de migrantes, esta Peregrinação destaca-se pela oferta de trigo por parte dos peregrinos, uma tradição que remonta ao ano de 1940, quando um grupo de jovens da Juventude Agrária Católica, de 17 paróquias da Diocese de Leiria, ofereceu 30 alqueires de trigo, destinados ao fabrico de hóstias para consumo no Santuário de Fátima.

25 mil crianças peregrinaram a

Nos dias 9 e 10 de junho, os pequenos peregrinos foram desafiados a procurar Jesus através do olhar do amor, à imagem da Irmã Lúcia.

Diogo Carvalho Alves

Cerca de 25 mil crianças, de norte a sul do país, vieram ao Santuário de Fátima, no dia 10 de junho, para participar na Peregrinação das Crianças que teve como tema “E tu? Queres ver a Deus?”. D. Rui Gouveia, bispo auxiliar do Patriarcado de Lisboa, presidiu à peregrinação, na qual os pequenos peregrinos foram desafiados a olhar para o exemplo da vida e entrega da Irmã Lúcia de Jesus, para verem a Deus e serem reflexo da sua Luz.

Na breve homilia que apresentou em jeito de conversa, o presidente da celebração partiu do esforço e da curiosidade de Zaqueu, que o levaram a uma transformação de vida radical, para desafiar as crianças a procurarem Jesus através do olhar do amor.

“Hoje, aoirmos ao San-

tuário, somos chamados a aprender com Zaqueu, no fundo do nosso coração, a desejarmos a Deus e a fazermos todo o esforço para O procurar e amar como Ele ama”, disse D. Rui Gouveia, ao apresentar a fé e entrega a Deus assumidas pelos Pastorinhos.

“Lúcia, Francisco e Jacinta, no seu desejo de Jesus, puseram como que uns óculos para ver o que estava invisível, fruto do seu desejo, da sua procura e deste acreditar e amar como Jesus”, lembrou o bispo auxiliar de Lisboa.

O principal apelo deixado aos mais pequenos por D. Rui Gouveia foi o de assumirem este esforço e desejo interior de ver a Deus, aceitando as mudanças que esta atitude de entrega e de amor

implica na vida de cada um, tal como aconteceu com Zaqueu.

“Esta experiência de Zaqueu foi tão forte, tão forte, tão forte, que a vida dele mudou completamente. Ele procurou a verdade, procurou ser certo e não enganar ninguém. Ele passou a ver a vida de outra maneira, de uma forma muito mais evidente. Foi como se uma luz se tivesse acendido na sua vida e ele começou a ver-se a ele próprio de outra maneira”, exemplificou o presidente da celebração, convidando as crianças a assumirem a mesma vontade, numa pequena oração.

“Jesus, eu quero ver a Deus”, repetiu a assembleia de pequenos peregrinos, no final da homilia, após a qual, nuns grandes óculos que ornamentavam o altar — semelhantes aos da Irmã Lúcia —, se leu a mensagem que acabavam de assumir: “Eu quero ver a Deus”.

Levar no coração Nossa Senhora

No final da celebração, o bispo de Leiria-Fátima, D. José Ornelas, benzeu a pequena vela, o diário espiritual, que as crianças receberam nesta peregrinação, e agradeceu a presença de todas as crianças.

“A Mãe Maria ficou certamente muito contente de vos ver aqui hoje. Levem no coração esta Mãe, que olha sempre por nós. Que este vosso diário vos ajude todos os dias a descobrires o carinho de Deus nos vossos pais, nos vossos catequistas, nos vossos colegas... que são aqueles com os quais nós fazemos este nosso caminho para Deus”, disse o bispo de Leiria-Fátima, apelando a que as crianças rezassem diariamente por todos os que precisam, principalmente por aqueles que sofrem com o drama da guerra.

A participar na celebração estiveram também catequistas, pais e peregrinos, num total de cerca de 80 mil pessoas. Concelebraram, além dos dois bispos, 71 presbíteros, muitos deles sacerdotes que vieram a Fátima para acompanhar o grupo da sua paróquia.

O programa da peregrinação iniciou na noite do dia 9 de junho, com uma Vigília de Oração na Capelinha das Aparições, na qual participaram cerca de 400 crianças.

Na manhã do dia 10, os primeiros grupos que chegaram à Cova da Iria reuniram-se na Basílica da Santíssima Trindade, onde puderam assistir a uma encenação sobre o tema da peregrinação, protagonizada pelos alunos do Colégio de São Miguel, de Fátima. A mesma encenação voltou a ser apresentada à tarde, seguindo-se a celebração de despedida.



Fátima, em busca de Deus



Um diário para aprender a ver a Deus

Na Peregrinação das Crianças deste ano, a surpresa oferecida foi um diário espiritual, acompanhado de uma vela.

Patrícia Duarte

Inspirados pelo exemplo da Irmã Lúcia, que escreveu um diário espiritual e nele registou o caminho que fez para ver a Deus, os meninos e meninas que, este ano, participaram na Peregrinação das Crianças, foram convidados a escrever um diário.

Receberam, por isso, um caderninho designado "O meu diário espiritual", no qual podem conversar com Jesus, todos os dias, como se fosse uma carta ou um segredo entre amigos.

"Ao fazeres este caminho, com a ajuda do coração de Maria, vais de certeza descobrir que podes 'ver a Deus' em tantos momentos e pessoas à tua volta!", escreve o reitor do Santuário de Fátima, padre Carlos Cabecinhas, na introdução do caderno.

O diário espiritual foi pen-

sado para ajudar as crianças a aprofundarem a sua relação com Deus e a descobrirem o caminho de fé vivido pelos Pastorinhos.

A iniciativa inspira-se no testemunho deixado pela Irmã Lúcia, cujos escritos, nomeadamente as *Memórias* e o seu diário, permitem compreender não apenas os acontecimentos ligados às aparições de Fátima, mas também a profunda transformação interior que marcou a vida das três crianças de Aljustrel.

O tema deste ano da peregrinação convida as crianças a "ver a Deus", um desafio que passa por cultivar uma relação pessoal com Ele. Neste contexto, o diário espiritual surge como uma ferramenta simples de oração e de memória, ajudando

cada criança a reconhecer a presença de Nossa Senhora no seu caminho até Jesus.

A oferta foi acompanhada por uma vela, símbolo da luz do Espírito Santo. Juntos, a vela e o diário, pretendem recordar que a vida de cada pessoa pode ser vista à luz de Deus, transformando o caderno num espaço de encontro, reflexão e oração.

O Santuário de Fátima espera que a surpresa desperte nas crianças aquilo que melhor as caracteriza: a capacidade de se maravilharem com as coisas simples. O desejo é também que os pequenos peregrinos acolham esta proposta de oração e descubram cada vez mais o papel da Irmã Lúcia na história de Fátima e na mensagem que continua a transmitir às novas gerações.



O coração que Deus tem e que o homem procura

Na visita temática de julho à exposição temporária do Museu do Santuário de Fátima, Frederico Lourenço mostrou que o coração pode ser dor, pureza, razão, memória ou humildade.

João Duarte Mendonça

Perante a pergunta “Que dizem os textos bíblicos sobre o coração?”, Frederico Lourenço mostrou, na visita temática de 1 de julho à exposição temporária “Refúgio e Caminho”, o coração que Deus tem. O professor catedrático da Universidade de Coimbra, tradutor da Bíblia e especialista em Línguas e Literaturas Clássicas, olhou para o coração nas Escrituras e frisou que é nele que ocorre a verdadeira conversão.

À questão “Deus tem coração?”, Frederico Lourenço respondeu “tem, sim”, pois “inequívoca é a resposta da Bíblia”. A partir do Génesis, levou os 190 participantes da visita a ver as duas primeiras vezes em que a palavra coração surge: “uma fala do coração do Homem; outra, do coração de Deus”. Dois versículos seguidos, no Dilúvio, que citou: “Deus viu a maldade dos Homens, e o seu próprio coração sofreu amargamente”. Acentuou daí a expressão “o seu próprio coração sofreu”, referente ao coração de Deus. Destacou-o como “lugar de encontro do Homem com Deus”, “onde Deus se revela ao Homem” e “lugar do chamamento de Deus”.

Dos manuscritos bizantinos de Lucas, Frederico Lourenço citou “uma versão de Isaías que não está nas edições modernas da Bíblia”: “o Espírito do Senhor está sobre mim, porque me ungiu para anunciar o amor aos mendigos e para curar os despedaçados no coração”. “Cristo cura o nosso coração partido”, concluiu. A expressão “coração partido” é originária não do an-



glicismo *heartbroken*, mas sim do profeta Isaías, notou.

Entre as obras *Banquete* de Platão e *A Cidade de Deus* de Santo Agostinho, formu-

lou que a pureza de coração decorre da intenção antes da ação, pois “a beleza de coração exigida para vermos Deus tem a ver com aquilo

que o coração sente”.

Em percurso reflexivo, Frederico Lourenço levou os participantes a observar o coração nos Quatro Evan-

lhos: Mateus, Marcos, Lucas e João. Em Mateus, mostrou que “o coração compreende”, quando Jesus diz: “os olhos servem para ver, os ouvidos servem para ouvir e o coração serve para compreender”. “Compreender com o coração” é converter-se. De Marcos, mencionou de novo a pureza de coração, quando Jesus disse: “nada há fora do Homem que, entrando nele, o possa contaminar; mas o que sai do Homem, isso é o que o contamina”. De João, destacou o momento em que Jesus consolou os Apóstolos: “não se agite o vosso coração”. A Lucas, referiu-o como “evangelista de Nossa Senhora”, atento ao coração de Maria. Porque depois da Adoração dos Pastores, notou que “Maria conservava todas estas coisas, ponderando-as no seu coração”. E no *Magnificat*, Maria afirmou que “o Senhor derrubou os poderosos dos seus tronos e exaltou os humildes”.

Ao concluir, relacionou o Coração Imaculado de Maria e o Sagrado Coração de Jesus. Salientou o substantivo humildade que no conjunto dos Quatro Evangelhos ocorre só no *Magnificat*, na frase “porque pôs os olhos na humildade, da sua serva”. Pela humildade relacionou o Coração de Maria com o Coração de Jesus, pois no Novo Testamento o Coração de Jesus tem “mansidão e humildade”, “duas qualidades raras”, pelas quais “todos ganhamos em imitar Cristo”, disse.

Terminou com um convite: “sejamos, pois, mansos e humildes”.



Mensagem e Carisma

Institutos de Vida Consagrada fundados a partir de Fátima

MISIONERAS HIJAS DE NUESTRA SEÑORA DEL ROSARIO DE FÁTIMA
[MISSIONÁRIAS FILHAS DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DE FÁTIMA]



Fundadora: Margarita Morales Martínez [Margarita del Espiritu Santo] (1899-1998)

Local de fundação: Gómez Palacio, Durango (México)

Tipo de Instituto: Instituto de Vida Consagrada (feminino, de vida ativa)

Fundação: 1952

Ereção Canónica: 1965 (decreto diocesano)

Comunidades no mundo: Estados Unidos da América e México

Carisma: As Missionárias Filhas de Nossa Senhora do Rosário de Fátima assumem uma espiritualidade mariana procurando viver a mensagem de Fátima por meio da adoração eucarística, da reparação aos Corações de Jesus e de Maria e da recitação dos mistérios do rosário. Dedicam-se sobretudo à pastoral paroquial e social desempenhando a sua missão junto de crianças em situação de vulnerabilidade que acolhem e educam, dos idosos de quem cuidam e das missões de apostolado que desenvolvem junto dos mais necessitados em diversos lugares da região central do México e dos Estados Unidos da América.

Academia de Estudos do Santuário de Fátima

A PEÇA DO MÊS

MSF, inv. n. ° 5704-OUT.II.2817
Clara Menéres, 2007
Matéria têxtil e penas de cisne; lâmpada LED azul
175 x 75 cm

A Túnica do Anjo

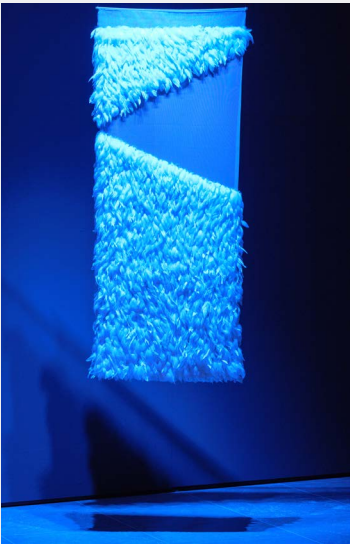
A instalação “A Túnica do Anjo”, da autoria de Clara Menéres, integra uma trilogia de obras ancorada na figura do Anjo. Distanciando-se da representação figurativa, a escultora aborda o tema como uma presença intuída, que nunca se revela plenamente.

A peça desenvolve-se verticalmente a partir de um suporte têxtil suspenso, dividido por dois planos diagonais assimétricos, densamente revestidos de penas de cisne. Entre os dois planos, abre-se um vazio central que funciona como uma pausa visual a acentuar a perceção vertical, convidando à contemplação. Esta silhueta ambígua permite três interpretações sobrepostas: as asas fragmentadas, que evocam a ideia de fragilidade e vulnerabilidade do ser espiritual; o manto protetor, que oferece refúgio, abrigo e conforto; a veste litúrgica, que remete para a brancura da veste batismal.

Uma iluminação LED azul transfigura cromaticamente a peça, criando um ambiente cenográfico. Na linguagem de Clara Menéres, a luz simboliza a energia espiritual e atua como agente de desmaterialização: a matéria que se torna etérea, colocando o observador num limiar entre o visível (matéria, penas, têxtil) e o transcendente (divino, angélico).

Por entender que a temática se relacionava com a mensagem de Fátima, a Autora ofereceu a obra, juntamente com as duas outras que compõem a trilogia angélica (“A Armadura do Anjo” e “O pranto do Anjo”), ao Museu do Santuário de Fátima.

Museu do Santuário de Fátima



Terceira Aparição de Maria

Os diferentes documentos que informam sobre a aparição do mês de julho de 1917 descrevem múltiplos pormenores, o que permite dizer que esta manifestação do sobrenatural está entre as mais ricas e mais complexas da história de Fátima. Segundo os interrogatórios iniciais, os inquéritos feitos *a posteriori* e as *Memórias* de Lúcia de Jesus, no dia 13 de julho, depois de chegarem à Cova da Iria e de aí rezarem o terço, as crianças sentiram um relâmpago,

após o qual veem Maria, com quem Lúcia trava diálogo sobre a importância da oração para o fim da guerra e sobre a cura de doentes.

Segundo o interrogatório do pároco, realizado no dia seguinte, Lúcia pede que a Senhora possa fazer um milagre, a fim de que as aparições sejam acreditadas, obtendo a promessa de que, três meses depois, esse milagre aconteceria. Nas suas *Memórias*, Lúcia situa nesta aparição a revelação do Segredo de Fátima,

constituído por três partes, as duas primeiras, escritas pela mão da vidente em 1941 (descritas na Terceira Memória, circunstanciadas na Quarta e logo divulgadas) e a terceira parte, escrita por Lúcia em 1944 em documento autónomo, nessa altura lacrado, cujo conteúdo apenas foi divulgado no ano 2000. Embora só mais tarde se viesse a conhecer o teor do Segredo e o primeiro documento sobre a aparição não se lhe refira, esta temática correu veloz nos

dias que mediam entre a aparição de julho e a aparição de agosto: depressa saltando o tema para a imprensa, a documentação da época mostra existir em torno de Fátima verdadeiro frenesim para que o Segredo fosse conhecido.

A descrição pormenorizada da terceira aparição incluída nas *Memórias* fixa o que os historiadores de Fátima já sabiam pelos interrogatórios da primeira hora: que foi nessa aparição que os Pastorinhos escutaram, após a visão do

Inferno, a oração “Ó meu Jesus, perdoai-nos e livrai-nos do fogo do Inferno...”. Neste contexto, antes de descrever aquele cenário e a devoção ao Imaculado Coração de Maria, Lúcia informa ainda de uma outra oração, pedida pela Mãe de Deus, depois de solicitar sacrifícios pelos pecadores: “Ó Jesus, é por Vosso amor...”.

Estima-se que neste dia estivessem com os Pastorinhos cerca de 2000 pessoas, o que leva a perceber a ressonância de Fátima nos meses seguintes.

FÁTIMA AO PORMENOR

Marco Daniel Duarte, Academia de Estudos do Santuário de Fátima



OPINIÃO

Pedro Valinho Gomes

A crise tende a produzir visões antagônicas: nós e eles, nós *ou* eles, nós *contra* eles. Na crise, o outro é muitas vezes o inimigo, o opositor, o diferente, o desconhecido, o estrangeiro que desperta receio, ansiedade ou repulsa; ou então aquele que é frágil, mas demasiado distante, demasiado anônimo ou simplesmente demasiado outro para que dele me aproxime verdadeiramente. Na crise, o outro raramente encontra lugar na história que contamos sobre nós próprios: nós e eles, nós *ou* eles, nós *contra*

Oftalmosofia

Pedro Valinho Gomes é teólogo

eles. Paradoxalmente, à força de repetirmos essa exclusão, a história que contamos sobre nós mesmos acaba colonizada pela sua presença. Só que essa presença surge agora desfigurada. Já não o outro como semelhante, mas o outro como um absoluto estranho. Essa luta entre “nós” e “eles” ecoa o velho papel dos monstros e demónios, que sempre encarnaram a alteridade radical numa visão maniqueísta do mundo. Na crise, encontramos demónios como se encontra o absurdo que não sabemos acolher dentro da nossa própria narrativa.

A crise é, precisamente, o lugar onde se enfrenta o absurdo. Se, como propõe Paul Ricoeur, só sabemos quem somos quando somos capazes de contar uma história a nosso respeito, então a crise é tam-

bém uma crise no coração do próprio relato da nossa vida. Talvez nos falte perguntar que lugar resta à empatia no coração das nossas crises. Dentro do *pathos*, que espaço para o *in-pathos*, para a empatia, essa penetração profunda no sentir do outro? Como pode a história de uma vida deixar-se tocar pela história de outra vida? Como inverter esta cegueira que, na crise, transfigura o outro em monstro ou demónio? Como inventar esta *oftalmosofia* — esta sabedoria do olhar capaz de forjar uma amizade social com o desconhecido e até com o inimigo?

Enquanto se espera a invenção de uma tal *oftalmosofia*, proponho uma história que nos chega pela mão de Philip Gourevitch, autor de um livro-reportagem sobre o genocídio ruandês, com um

título fulminante: *Lamentamos informar que amanhã seremos mortos com as nossas famílias*. Conta ele que, três anos depois daquele abril inesquecível de 1994, o genocídio prosseguia ainda, em aldeias mais ou menos distantes. Uma noite, apareceu na televisão ruandesa a confissão de um homem: revelava ser um dos genocidas que, dois dias antes, tinham matado dezassete alunos num internato em Gisenyi.

O prisioneiro explicava, perante as câmaras, que durante o ataque à escola de Gisenyi, eles tinham ordenado às estudantes, adolescentes mal acordadas de um sonho interrompido que se separassem: as Hutus de um lado, as Tutsis do outro.

Mas as estudantes recusaram. Estas jovens responderam que eram simplesmente

ruandesas; foram então espancadas e abatidas sem distinção. Gourevitch observa, em síntese, que o Ruanda já não precisava de mais mártires — as suas memórias estão demasiado cheias de cadáveres para isso —, mas que talvez todos possamos retirar alguma força do exemplo dessas jovens Hutus que, podendo escolher viver, preferiram afirmar-se ruandesas.

Há algo de uma *oftalmosofia* empática nesta história das jovens ruandesas, que avançam para a morte identificando-se com o relato das suas companheiras. A empatia assume, assim, a forma de um compromisso político sem medida nem cálculo, levado até ao extremo. Talvez não nos seja pedida uma tal coragem. Mas a arte dessa *oftalmosofia* sim.



OPINIÃO

Irmã Sandra Bartolomeu

No final do mês de junho, os termómetros voltaram a superar as temperaturas de anos anteriores, nomeadamente nos países nórdicos.

Enquanto alguns ainda relativizam o aquecimento global do planeta, a sucessão dos seus efeitos, cada vez mais acentuados, sinaliza de maneira gritante a crise ecológica decorrente das opções que, enquanto humanidade, temos feito ao longo das últimas gerações, agravada pelas guerras hodiernas.

Pesam as nossas necessidades, mas também a nossa ambição e capricho, sobre os limites, afinal frágeis, da criação.

Na Semana de Ação Climática em Londres, decorrida

Urge o cuidado

A irmã Sandra Bartolomeu é religiosa das Servas de Nossa Senhora de Fátima

entre os dias 22 e 28 do mês passado, o secretário-geral da ONU descreveu a situação atual como uma história de duas crises, ecológica e energética, que, segundo entende, se interligam e têm a mesma raiz: o consumo de combustíveis fósseis. Mas também há novas tecnologias que têm um peso significativo: não se sabe ao certo que custos ambientais estão implícitos à IA. Sabe-se que, por este andar, até 2030, os sistemas de inteligência artificial poderão consumir anualmente mais eletricidade do que alguns países conjuntamente e utilizar água suficiente para abastecer 1,3 mil milhões de pessoas na África Subsaariana durante um ano.

A verdade é que a crise do clima nos empurra para temperaturas extremas e a Terra para danos ecológicos irreversíveis, afetando sobretudo as populações mais vulneráveis. Os últimos onze anos foram os mais quentes de



que há registo. Por este andar prevê-se o colapso dos recifes de coral, o degelo das camadas de gelo da Gronelândia e da Antártida Ocidental, a consequente subida do nível do mar e ainda a transformação de uma parte da Amazônia em savana — todos estes, fundamentais para o equilí-

brio ecossistémico. A solução passará pela adoção de um modelo energético renovável, efetuado numa transição na qual se conjuguem sustentabilidade, justiça social e o cuidado da Casa Comum.

Um cenário que, a cada vez que escutamos, parece ultrapassar o nosso âmbito de

decisão individual. Será absolutamente assim? Que custo estamos dispostos a suportar para uma “desintoxicação” ou reequilíbrio ambiental?

O cuidado com o ecossistema não está desligado de uma sensibilidade ao cuidado pela vida de modo amplo, ou mesmo, de modo profundo, isto é, nas suas fibras mais finas: o cuidado pela saúde do corpo, da dimensão psicoafetiva da pessoa e do espírito; o cuidado pelo outro, pelos mais pequenos e vulneráveis, o cuidado com os detalhes que favorecem que a vida floresça harmoniosamente nas suas diversas dimensões ou não; cuidar por meio da sobriedade, da transparência, da paz e da verdade; o cuidado que se aprende do Criador que a cada instante cria e sustenta o universo; de Cristo que ofereceu a vida em sacrifício por nós, por amor, “quando ainda éramos pecadores” (Rm 8,5).

VER + A ARTE DO SANTUÁRIO

D. José lendo o veredito sobre as aparições e Jacinta entre o rebanho

João de Sousa Araújo, 1967

Pintadas a óleo sobre tela, as peças que se encontram na capela tumular de São Francisco Marto, em paralelo com as do outro lado do falsotransepto, são assinadas por João de Sousa Araújo e comungam da mesma ambiência pictórica do seu restante trabalho de pintura na basílica.

Se uma das obras toma como fonte as *Memórias* da Irmã Lúcia, apresentando o poético episódio em que a vidente descreve sua prima no meio do rebanho, a outra tela mostra de forma solene a chancela do bispo de Leiria a declarar dignas de crédito as visões da Cova da Iria e a autorizar o culto a Nossa Senhora de Fátima. Numa e noutra peça, o autor faz uso da forma esbelta, da largueza de traço e da mancha impressionista que soma a sua força plástica à ambiência das tonalidades do maneirismo tenebrista.

Marco Daniel Duarte

VIRGEM MARIA

Embora no esboço da obra o autor tenha previsto, junto à figura do bispo, a apresentação dos três Pastorinhos, a obra final prefere mostrar a figuração da Virgem Maria, em plano recuado, mas acentuada a partir da vertical iluminada pelo feixe de luz que sublinha a sua presença. As mãos postas em oração à altura do peito e o uso da cor branca no cimo do manto remetem para a iconografia de Nossa Senhora de Fátima.

PROVISÃO “A PROVIDÊNCIA DIVINA”

Com data de 13 de outubro de 1930, depois de um longo processo canónico instruído para dar certeza à Igreja de que deveria confirmar o testemunho das crianças videntes, o bispo de Leiria declara “como dignas de crédito as visões das crianças na Cova da Iria” e permite “oficialmente o culto de Nossa Senhora de Fátima”. A *Carta pastoral sobre o culto de Nossa Senhora da Fátima*, publicada autonomamente e difundida em diferentes órgãos de comunicação, aparece figurada na pintura de forma solene, através de livro aberto sustentado pela mão direita do prelado.

CORDEIRO AOS OMBROS

Bom conhecedor das fontes de Fátima, o pintor toma o episódio que Lúcia de Jesus integra na sua primeira “Memória” sobre a familiaridade com que Jacinta tratava as ovelhas que estavam confiadas aos pequenos pastores. Conforme Lúcia descreve, “um dia, ao voltar para casa, meteu-se no meio do rebanho”. À pergunta sobre o que estava a fazer no meio do rebanho, a pastorinha responde: “para fazer como Nosso Senhor, que, naquele santinho que me deram, também está assim, no meio de muitas e com uma ao colo”.

CAJADO DE PASTORA

Para caracterizar a figura de Jacinta como pastora, João de Sousa Araújo não hesita em colocar-lhe um alto cajado na mão esquerda e em dar-lhe grande solenidade, como se de um báculo episcopal se tratasse, fazendo da vidente verdadeira pontífice entre o céu e a terra. As próprias vestes dilatadas conferem à pequena pastora uma grandiosidade quase-litúrgica, como se envergasse uma planeta.



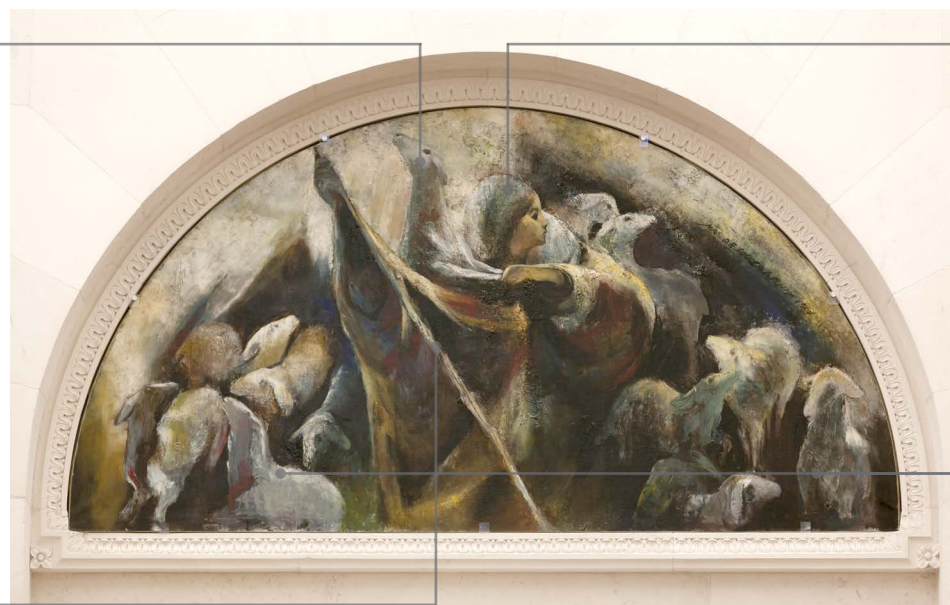
BÁCULO E MITRA

Ao representar o bispo de Leiria, o pintor entende revesti-lo dos sinais de autoridade que, segundo a secular tradição da Igreja, apresentam os sucessores dos apóstolos como pontífices e governadores do Povo de Deus. Sublinhada pelas insígnias episcopais, a cena da leitura da carta projeta-se, assim, ainda com maior solenidade.

D. JOSÉ ALVES CORREIA DA SILVA

Pela sua ação em prol do acolhimento, estudo e difusão inicial da mensagem testemunhada

pelos videntes, D. José Alves Correia da Silva enverga o cognome de “Bispo de Nossa Senhora”, razão pela qual aparece várias vezes figurado na basílica onde repousam os seus restos mortais. Na pintura, o bispo ocupa o primeiro plano, munido de báculo e mitra, a ler a carta que escreveu, a partir da qual chancela as aparições de Fátima.



JACINTA MARTO

Ocupando a mediana vertical do quadro, Jacinta Marto agiganta-se entre o rebanho. As linhas de composição da figura são habilmente desenhadas com o vigor hierático, mas, ao mesmo tempo, com a ductilidade das tonalidades que se mesclam nas amplas vestes que enverga.

REBANHO

Todo o campo pictórico da tela é ocupado por figuração em torno da personagem principal que ocupa o centro. Ao redor de Jacinta dispõem-se doze ovelhas, uma delas, para fazer imagem da narrativa das *Memórias*, aos ombros da pequena pastora. Ao número das ovelhas que o autor desenha não será alheia a imagem bíblica da plenitude, evocando as tribos de Israel e, sobretudo, os Apóstolos que Cristo escolhe para configuração da nova grei ou rebanho pelo qual dá a vida.

“Em tempos de inteligência artificial, Fátima”

Interpretar e entender o mundo à luz de uma “inteligência cordial” foi a proposta da edição deste ano dos Cursos de Verão, organizados pela Academia de Estudos do Santuário de Fátima. A iniciativa juntou cerca de uma dezena de investigadores e mais de uma centena de participantes.

Patrícia Duarte

O mote lançado na sessão de abertura dos Cursos de Verão dissipou as interrogações que o tema da edição deste ano pudesse ter gerado. Afinal, do que se fala quando o diálogo se desenrola em torno desta invulgar palavra: “cordimariano”?

A abrir os Cursos de Verão, que se realizaram entre 1 e 3 de julho, com o tema “Fátima depois de outubro de 1917: o ciclo cordimariano”, Marco Daniel Duarte, diretor da Academia de Estudos do Santuário e coordenador da formação, colocou Fátima em diálogo direto com o presente.

“Em tempos de inteligência artificial, Fátima propõe uma inteligência cordial”, uma forma de ler o mundo que não parte apenas da razão, mas do coração. É essa “inteligência que vem do coração” que, este ano, atravessou o programa do Curso e ajudou a compreender por que razão o episódio de Fátima não se esgota nos acontecimentos de 1917, prolongando-se em ciclos sucessivos com impacto nos dias de hoje.

Marco Daniel Duarte recordou que esta ideia de “inteligência cordial” encontra reflexo nas palavras recentes do Papa Leão XIV, cuja primeira encíclica repete por dezenas de vezes a palavra “coração”. Em particular, preocupa o Santo Padre que o crescimento da técnica leve a humanidade a perder a sua beleza e que o mundo deixe de reconhecer no coração humano “o lugar onde Deus deseja habitar”. Citando o Papa Leão XIV, o diretor da Academia de Estudos do Santuário de Fátima reiterou que também Fátima propõe essa inteligência que nasce da afetividade e não apenas



da razão.

Esta linha de pensamento foi particularmente aprofundada pelo investigador José Eduardo Franco, da Universidade Aberta, ao trazer aos Cursos de Verão o tema “Espiritualidades quentes num mundo frio: os Corações de Jesus e de Maria”.

Uma “geografia da espiritualidade”

José Eduardo Franco defende que existem, ao longo da história do Cristianismo, duas correntes de espiritualidade: frias, racionalistas e distanciadoras entre o Homem e Deus e, em contraste, as quentes, afetivas e centradas na proximidade e na misericórdia divinas.

É nesta segunda família que se inserem o que designa de “espiritualidades sine-docais”, na medida em que tomam uma parte pelo todo, ou seja, uma parte do corpo de Cristo para significar o

todo do mistério cristão. É aqui que o historiador enquadra a devoção aos Sagrados Corações de Jesus e de Maria e, por extensão, a própria mensagem de Fátima.

Segundo José Eduardo Franco, esta espiritualidade “cordial” nasceu por oposição às correntes mais racionalistas e severas que emergiram a partir do Renascimento e da Reforma. O Calvinismo e o Jansenismo colocavam Deus numa posição distante e viam a religião através de um prisma de rigor moral e desconfiança face às emoções.

O historiador percorreu os marcos históricos que conduziram ao século XIX, “século do coração de Jesus”, como classificou, até indicar Fátima como “ponto de chegada” de um longo processo que associa a espiritualidade dos Corações de Jesus e de Maria.

Segundo José Eduardo Franco, o Santuário enquadra-se nesta longa história

florescente da espiritualidade dos corações, que a legítima e lhe dá projeção mundial no dealbar do século XX. Por outro lado, sublinhou que a própria espiritualidade cordimariana — devoção ao Coração de Maria — “ganha em Fátima uma interiorização profunda e assume, definitivamente, uma dimensão eclesial e global”.

Fátima universalizou a devoção ao Imaculado Coração de Maria

Fátima não criou a devoção ao Imaculado Coração de Maria, mas foi decisiva para a transformar numa espiritualidade de alcance universal. Esta ideia foi reforçada pelo reitor do Santuário de Fátima, padre Carlos Cabecinhas, que defendeu que, embora a devoção já existisse, foi em Fátima que adquiriu

riu um protagonismo inédito e passou a ocupar um lugar central na vida da Igreja.

Recorrendo aos estudos e a citações dos mariólogos Joaquim Maria Alonso e Stefano De Fiores, o reitor recordou que o Imaculado Coração de Maria constitui “a alma da mensagem de Fátima” e o seu “fio condutor”. Desde as aparições do Anjo, nas quais o Coração de Maria surge sempre associado ao Sagrado Coração de Jesus, até às aparições na Cova da Iria e na Galiza, a espiritualidade cordimariana apresenta-se como caminho privilegiado para conduzir os crentes até Deus.

O padre Carlos Cabecinhas pôs em relevo o papel das aparições de Pontevedra, em 1925 e 1926, e de Tui, em 1929, já só com Lúcia de Jesus, na concretização prática desta devoção, nomeadamente através da devoção reparadora dos primeiros sábados.

Recordando o testemunho de vida dos Pastorinhos, o reitor sublinhou que, mais do que elaborações teológicas, Francisco, Jacinta e Lúcia encarnaram esta devoção de forma afetiva e existencial. A Irmã Lúcia dedicou toda a sua vida religiosa à missão de dar a conhecer esta devoção e de a transmitir à hierarquia da Igreja: “Foi incansável no cumprimento desta missão ao longo da sua vida, procurando por todos os meios ao seu alcance divulgar os pedidos do Céu”, lembrou.

Para o padre Carlos Cabecinhas é de realçar que a influência de Fátima ultrapassou largamente o âmbito devocional. Contribuiu, ainda, de forma decisiva, para a integração da memória litúrgica do Imaculado Coração de Maria no calendário

Fátima propõe uma inteligência do coração”

Um roteiro pelo coração escondido de Maria



triumfo que não se mede pela lógica do domínio do poder, mas pela lógica do amor, do serviço e da oferta da própria vida”, concluiu.

Estabelecendo uma ponte com a parte final da intervenção de José Eduardo Franco, o triunfo de que fala a mensagem de Fátima é um caminho alternativo que se apresenta ao “Homem líquido” ou “Homem espuma”, expressões usadas por diversos autores para classificar aqueles que esvaziaram a sua dimensão afetiva.

O investigador defende, assim, que a espiritualidade da misericórdia, o “movimento do coração” que abre o ser humano ao outro e ao transcendente, continua a oferecer uma alternativa. Num tempo marcado pela “hipertecnização” e pela inteligência artificial, elogia e defende o conceito de “inteligência cordial” antes avançado por Marco Daniel Duarte e que volta a estar em destaque na intervenção que o diretor da Academia de Estudos dedica à iconografia do Imaculado Coração de Maria, no último dia dos Cursos de Verão.

Nesse contexto, sublinha o coordenador da formação, Fátima não só inaugura uma nova forma de apresentar o Coração de Maria, cercado de espinhos — as dores da Humanidade —, como também recorre a esse símbolo para exprimir o amor de Jesus de Cristo.

A partir da definição bíblica de coração, centro da existência humana para o qual confluem a razão, a vontade e a sensibilidade, Marco Daniel Duarte reforça que Fátima convida a uma inteligência cordial, a única capaz de conduzir à reconciliação dos Homens.



Na edição deste ano dos Cursos de Verão, os participantes foram desafiados a percorrer um itinerário pouco convencional pelo Santuário de Fátima. Desviados dos pontos mais visitados e fotografados pelos peregrinos, ingressaram num roteiro que lhes revelou as representações, discretas e menos óbvias, do Imaculado Coração de Maria. Há que “ir à procura”, referiu Marco Daniel Duarte, diretor da Academia de Estudos do Santuário de Fátima, a quem coube orientar a visita. E a procura efetiva começou no interior da Basílica de Nossa Senhora do Rosário. O grupo foi convidado a olhar com atenção para a pintura do altar-mor, da autoria de João de Sousa Araújo. Ali, no centro da composição, todas as figuras, incluindo a própria Virgem, têm o olhar fixo na hóstia erguida pelo Anjo. É junto ao peito de Maria que, discretamente, se encontra representado o coração. Já no transepto e num vitral superior da basílica, encontram-se outras duas representações do coração, desta vez associadas à narrativa das aparições de 13 de outubro de 1917. Depois de uma passagem

pela Capela do Imaculado Coração de Maria, na Casa de Retiros de Nossa Senhora das Dores, o itinerário incluiu uma paragem diante da escultura de Nossa Senhora de Fátima, na Basílica da Santíssima Trindade, da autoria do italiano Benedetto Pietrogrande e datada de 2007. A obra rompe com as convenções tradicionais. Maria surge jovem, de cabelo descoberto, com um movimento ascensional que deixa a dúvida se a figura sobe ou desce. O coração é apenas sugerido sob as vestes e não exposto de forma evidente. O roteiro terminou junto a uma peça mais recente, de 2012, de Cristina Leiria, instalada no átrio da capela do Santíssimo Sacramento. Trata-se da escultura “No Coração de Maria”, sustentada por duas mãos brancas. Em cada face da peça, um pequeno espelho convida cada visitante a ver-se refletido no interior do Coração de Maria. No final do percurso, ficou claro que a presença do Imaculado Coração de Maria no Santuário de Fátima está distribuída por pinturas, vitrais e esculturas que, na maior parte dos casos, exigem tempo, silêncio e um olhar atento para serem descobertos.

universal da Igreja. Segundo explicou, foi precisamente a projeção mundial da mensagem de Fátima que permitiu que uma celebração até então circunscrita a determinadas dioceses e congregações religiosas passasse a fazer parte da vida litúrgica de toda a Igreja. Em 1996, a celebração foi elevada a memória obrigatória, decisão para a qual, no seu entender, “as aparições de Fátima tiveram direta e clara influência”.

O triunfo do coração

Sobre a promessa de Nossa Senhora, na segunda parte do segredo de Fátima, “por fim, o meu Imaculado Coração triunfará”, o padre Carlos Cabecinhas reconhece o caráter aparentemente contraditório da expressão. Habitualmente, o triunfo associa-se à vitória dos fortes, ao êxito dos vencedores, ao poder de quem se impõe so-

bre os outros. Um coração, pelo contrário, remete para a fragilidade.

Sublinha, no entanto, que é precisamente essa leitura que importa evitar. O triunfo do Imaculado Coração de Maria não corresponde à lógica dos vencedores da História. Não se trata da vitória de um guerreiro, de um chefe ou de um herói. Basta recordar a forma como Nossa Senhora apresenta o seu coração em Fátima, cravado de espinhos, sinal de dor e sofrimento.

Ao mesmo tempo, esta promessa interpela também a liberdade de cada pessoa. O triunfo do Imaculado Coração realiza-se sempre que alguém escolhe o bem, acolhe a vontade de Deus e responde ao seu chamamento, seguindo o exemplo de Maria.

Nesse sentido, não corresponde a um acontecimento espetacular nem a uma demonstração de poder. É a manifestação silenciosa da ação de Deus na História e na vida das pessoas: “É um

Virgem Peregrina de Fátima na Suíça

Visita assinala 50 anos da Missão Católica de Língua Portuguesa no Cantão de Zurique e contou com a presença do cardeal D. António Marto, bispo-emérito de Leiria-Fátima.

Diogo Carvalho Alves

Durante o mês de maio, a Imagem Peregrina de Nossa Senhora de Fátima esteve pela primeira vez na Suíça, numa presença que teve o seu ponto alto na Peregrinação Nacional Mariana das Comunidades Portuguesas ao Mosteiro de Einsiedeln, no passado Domingo de Pentecostes, 24 de maio.

Esta visita inédita inseriu-se na comemoração dos 50 anos da Missão Católica de Língua Portuguesa no Cantão de Zurique e repre-

sentou um momento de encontro e partilha da fé entre a comunidade portuguesa na Suíça, a terceira maior comunidade estrangeira naquele país.

“Fátima é um ponto de encontro e de convergência entre a comunidade portuguesa”, sublinha Miguel Serra, assistente pastoral nas comunidades católicas de língua portuguesa de Zurique, descrevendo o entusiasmo com que a Virgem Peregrina de Fátima foi recebida.

A Peregrinação Nacional Mariana das Comunidades Portuguesas ao Mosteiro de Einsiedeln, com a presença da Imagem Peregrina de Fátima, foi presidida pelo cardeal D. António Marto, que na homilia pediu à comunidade que fosse uma “Igreja de portas abertas”, a partir do exemplo de Nossa Senhora.

“Maria, porta aberta para entrar e nos introduzir na casa do Pai e nos conduzir ao abraço terno, paterno e

materno do amor de Deus, é também porta aberta para sair ao encontro dos filhos, sobretudo os mais afastados, necessitados ou extraviados”, disse o bispo-emérito de Leiria-Fátima.

O cardeal D. António Marto apresentou os momentos de sofrimento espiritual, de crise e provação como oportunidades para amadurecer a fé e o amor que recentram a importância de Deus na vida pessoal.

Na conclusão, o presiden-

te da peregrinação deixou uma mensagem de conforto aos emigrantes, apontando para Maria como amparo nos momentos de dificuldade, que dá “novo alento e nova força para continuar o caminho”.

Após a missa campal, houve uma tarde cultural com a participação de vários ranchos folclóricos da comunidade, reforçando os laços de identidade e o convívio da diáspora.



ça pela primeira vez



“Uma mini-Fátima, em terras da Suíça”

“Estes dias foram muito belos e isso sentiu-se sobretudo na emoção das pessoas ao verem a Virgem Peregrina. Fátima é o ícone da nossa fé comum”, sintetiza Miguel Serra, sobre a visita, destacando ainda o acolhimento próximo que esta visita teve também da comunidade suíça.

No regresso, o cardeal D. António Marto partilhava também a alegria de ter participado nesta peregrinação.

“A experiência foi de viver uma mini-Fátima, em terras da Suíça”, descreve o bispo-emérito de Leiria-Fátima, ao recordar o acolhimento caloroso que teve por parte da comunidade portuguesa que encheu a praça em frente ao Mosteiro de Einsiedeln, para a missa campal.

A Virgem Peregrina de Fátima pisou solo suíço no dia 3 de maio, tendo sido recebida solenemente na Igreja de Sankt Felix und Regula (São Félix e Santa Régula), em Zurique. Ao longo do mês de maio, a Imagem Peregrina percorreu diversas comunidades, incluindo passagens por Rümlang, Winterthur, Schlieren, Uster e várias paróquias de Zurique.

O programa celebrativo incluiu missas, procissões das velas, vigílias marianas e recitações do Rosário. A visita terminou com uma cerimónia de despedida no dia 30 de maio, na Igreja de Sankt Andreas (Santo André), em Uster.

Segundo os registos do Santuário de Fátima, esta foi a primeira vez que uma Imagem Peregrina de Nossa Senhora de Fátima visitou a Suíça.



Pontinha recebeu imagem da Virgem Peregrina

Mais de 500 fiéis participaram, a 13 de maio, na Procissão das Velas da Paróquia da Sagrada Família da Pontinha, na Diocese de Lisboa, integrada na visita da Imagem Peregrina de Nossa Senhora de Fátima. O dia ficou marcado por momentos de oração, celebrações e grande participação da comunidade. Após a missa solene, a procissão percorreu as principais ruas da Pontinha, levando a oração do Rosário e a luz das velas à população. O andor foi transportado por militares da GNR, num ambiente de profunda fé, devoção e forte espírito comunitário.



Imagem de Nossa Senhora recebida em Sydney no Dia das Mães

No Dia das Mães, celebrado a 10 de maio, a comunidade portuguesa de Sydney, na Austrália, recebeu, emocionada, uma imagem de Nossa Senhora de Fátima, oferecida pelo emigrante António Carreira. Benzida a 30 de dezembro, na Basílica de Nossa Senhora do Rosário, em Fátima, pelo padre Daniel Mendes, viajou para a Austrália a 19 de janeiro. Entrou na igreja de Saint Thomas, em Lewisham, durante a missa celebrada pelo padre Thomas Tee, entre cânticos marianos e a expressão da devoção dos fiéis. Houve consagração das mães a Nossa Senhora e, no final, a imagem permaneceu numa capelinha preparada pela comunidade.

Esperança renovada no Movimento da Mensagem de Fátima da Diocese do Funchal

Num encontro próximo e fraterno foi nomeado novo Secretariado Diocesano.

Anabela Albano | Secretária do MMF da Diocese do Funchal

Há encontros que marcam o início de uma missão e que permanecem gravados na memória daqueles que participam, não apenas pelo que foi dito ou realizado, mas porque neles se sente a presença de Deus a confirmar um caminho e a renovar a esperança.

Foi este o sentimento vivido no passado dia 27 de junho, na Paróquia das Eiras, no Caniço, onde o recém-nomeado Secretariado Diocesano do Movimento da Mensagem de Fátima (MMF) da Diocese do Funchal acolheu a visita do padre Daniel Mendes, assistente nacional deste Movimento. Acompanhados pelo assistente diocesano, padre Alberto Fernandes, os membros desta nova equipa reuniram-se num ambiente de simplicidade, escuta e verdadeira comunhão eclesial, dando os primeiros passos de uma missão que desejam colocar inteiramente ao serviço de Nossa Senhora e da Igreja.

Mais do que uma reunião de apresentação, este encontro constituiu um momento de formação, partilha e confirmação da missão. Ao apresentar a realidade do MMF a nível nacional, o padre Daniel Mendes recordou que este Movimento nasce da própria mensagem de Nossa Senhora, permanecendo atual no seu apelo incessante à oração, à conversão do coração e à construção da paz: uma missão que continua a interpelar cada cristão e que desafia os leigos a serem presença viva do Evangelho nas suas comunidades.

Num ambiente marcado pela proximidade, pelo diálogo e pela fraternidade, o responsável nacional manifestou a total disponibilidade do Secretariado Nacional para acompanhar este novo Secretariado Diocesano, oferecendo apoio e orientação nesta fase inicial de organização e implementação do trabalho pastoral. Esta dispo-



nibilidade foi acolhida com profunda gratidão por todos os presentes, que reconheceram neste acompanhamento um importante incentivo para consolidar o caminho que agora começa.

O encontro terminou com um renovado compromisso de todos em servir a Diocese do Funchal com humildade, espírito missionário e profunda confiança na intercessão de Nossa Senhora

de Fátima. Porque a missão do MMF não se limita à organização de atividades: procura conduzir homens e mulheres, crianças ou idosos, saudáveis ou doentes ao encontro de Cristo, através da vivência da mensagem de Fátima, tornando cada membro um verdadeiro mensageiro de esperança num mundo tão necessitado de paz.

No dia seguinte, durante a celebração da Santa Eucaris-

tia, o padre Daniel Mendes entregou à nova equipa os Estatutos do Movimento da Mensagem de Fátima, sobre a Bíblia. Este gesto, de forte significado espiritual, assinalou solenemente o início da sua missão, recordando que todo o serviço na Igreja encontra o seu fundamento na Palavra de Deus e na fidelidade ao carisma que lhe é confiado.

Assim, sob o olhar materno da “Senhora mais brilhante que o sol”, inicia-se um novo capítulo na vida do MMF na Diocese do Funchal, com a confiança de que o Imaculado Coração de Maria continuará a conduzir aqueles que, com generosidade, se colocam ao serviço da evangelização, e para que, através da oração, do testemunho e do serviço, possa levar muitos corações ao encontro de Cristo e contribuir para que a mensagem de Fátima permaneça viva, atual e fecunda nas comunidades cristãs.

Da exigência da peregrinação ao compromisso de servir:

Um percurso de fé que se transforma em cuidado, esperança e dedicação ao próximo.

Sandra Argulho | Voluntária do MMF da Diocese de Bragança-Miranda

Nota da redação: Este testemunho foi escrito por Sandra Argulho antes do seu falecimento. Publicamo-lo em sua homenagem, preservando integralmente as suas palavras.

Há três anos, fiz pela primeira vez a caminhada a pé até Fátima. Foram dez dias exigentes, percorrendo entre 35 a 40 quilómetros diários, numa extensão de cerca de 400 km, movida pelo desejo de acompanhar outros peregrinos que cumpriam as suas promessas e outros motivados por um desafio pessoal. Mais do que o esforço físico, guardo dessa experiência uma sensação profunda de leveza e uma paz interior difícil de descrever.

Recentemente, decidi regressar, mas desta vez como

voluntária, numa missão de quatro dias dedicada ao apoio aos doentes. Uma experiência diferente, mas igualmente marcante e gratificante, na qual o foco deixou de ser apenas o caminho pessoal para passar a ser o cuidado e a atenção ao outro.

Quero deixar uma palavra de sincero agradecimento a toda a equipa envolvida, com a qual vivi dias de imensa gratidão. Foi um privilégio trabalhar com pessoas unidas pelo mesmo propósito, em que o entendimento, a entreatura e a dedicação

estiveram sempre presentes. Foi também uma experiência onde construí grandes amizades, levando esta equipa para sempre no meu coração.

Expresso um agradecimento muito especial ao padre Daniel Mendes, assistente nacional do Movimento da Mensagem de Fátima (MMF), cuja presença, liderança e dedicação foram verdadeiramente inspiradoras. O seu exemplo de entrega, fé e cuidado pelo próximo marcou profundamente esta experiência e todos os que nela participaram.

O retiro de doentes em Fátima proporcionou um tempo de encontro com Deus, marcado pela oração, pela esperança e pelo acolhimento. Senti que foi um espaço onde muitos encontraram força para viver as suas dores com mais serenidade e vontade, num ambiente de partilha e compreensão.

Para quem participou, tratou-se também de um momento de amadurecimento espiritual, acompanhado por uma renovação interior e uma profunda paz de espírito. Para quem serviu como

voluntário, foi e é uma verdadeira lição de humanidade e empatia que deixa marcas.

Esta vivência reforçou a ideia de que Fátima continua a ser não só um destino de peregrinação, mas também um lugar de encontro, cuidado e transformação. No final desta missão, ficou a felicidade estampada no rosto dos peregrinos, que regressaram a casa mais tranquilos, em paz e com o coração cheio de esperança.

Que Nossa Senhora nos acompanhe sempre.

Pequenos Mensageiros do MMF de Braga rezam o Terço na Capelinha das Aparições

Experiência deixou compromisso final para o dia a dia.

Armanda Silva | Presidente do MMF da Diocese de Braga

No passado dia 13 de junho, às 18h30, um grupo de Pequenos Mensageiros do Movimento da Mensagem de Fátima, provenientes de três paróquias do arciprestado de Guimarães (Caldas das Taipas, Souto Santa Maria e Vila Nova de Sande), da Diocese de Braga, reuniu-se na Capelinha das Aparições, para participar na oração do Terço,

Num ambiente de grande recolhimento e devoção, as crianças e os seus responsáveis/catequistas uniram-se aos numerosos peregrinos presentes no Santuário de Fátima para meditar e rezar os Mistérios Gozosos do Santo Rosário, confiando à Virgem Maria as suas intenções, as necessidades das famílias e a paz no mundo.

A presença dos Pequenos Mensageiros constituiu um



signal de esperança e de vivência da fé, testemunhando a importância de envolver as novas gerações na espiritualidade de Fátima e na divulgação da mensagem comunicada por Nossa Senhora aos Pastorinhos. Com simplicidade, entusiasmo e sentido de responsabilidade, as crianças responderam ao convite de Nossa Senhora à oração, seguindo o exemplo de Lúcia, Francisco e Jacinta.

No final da celebração, as crianças manifestaram a sua alegria por terem podido rezar num lugar tão significativo para a Igreja e para todos os devotos de Nossa Senhora de Fátima, e com o compromisso de continuarem a ser pequenas mensageiras da paz, da esperança e do amor de Deus nas suas comunidades.

Retiro em Fátima ajuda doentes de Portalegre-Castelo Branco a viver a fé na fragilidade

Encontro reuniu cerca de quarenta doentes da Diocese de Portalegre-Castelo Branco na Casa de Nossa Senhora das Dores.

Diácono Alfredo Serra | Assistente do MMF da Diocese de Portalegre-Castelo Branco

Nos dias 28 a 31 de maio, cerca de quarenta doentes da Diocese de Portalegre-Castelo Branco fizeram a experiência de retiro espiritual na Casa de Retiros de Nossa Senhora das Dores, no Santuário de Fátima. Este retiro foi promovido pela Pastoral dos Doentes e da Fragilidade Humana dos Secretariados Nacional e Diocesano do Movimento da Mensagem de Fátima (MMF). A orientação espiritual, pelo padre Daniel Mendes, assistente nacional do MMF, teve como foco o tema “Coração de Maria, caminho para ver a Deus” e desenvolveu-se sob três eixos

fundamentais: meditação da mensagem das aparições angélicas aos três Pastorinhos, a partir da revelação do Anjo: “Os Corações de Jesus e Maria têm sobre vós desígnios de misericórdia”; “Olhar o Céu” sob o carisma da mensagem de Fátima e a resposta à pergunta de Nossa Senhora aos pequenos videntes: “Que-reis oferecer-vos a Deus?”.

Neste sentido, os doentes foram desafiados a exercícios espirituais na experiência ativa da oração comunitária, com recurso à contemplação e à penitência, designadamente na vivência do sacramento da confissão reconci-

liadora; houve também lugar à unção dos doentes administrada na missa de sábado.

O retiro foi intensamente marcado pelos enriquecedores tempos de catequese, momentos de silêncio recorrente e de assembleia orante: via-sacra, recitação do terço do rosário e celebração da santa missa.

Nos dias seguintes, fomos bafejados por palavras sentidas e sentimentos expressos que nos chegaram carregados da alegria da fé, do vigor para as forças humanas e espirituais e, desde logo, da satisfação e gratidão manifestadas e bem visíveis nos

rostos e palavras dos participantes deste retiro, sem exceção: doentes, acompanhantes e equipa responsável — técnicos de saúde e Servitas.

A participação neste retiro foi, sem dúvida, oportunidade para justificação da fé e compreensão do apelo do Anjo na segunda aparição: “De tudo o que puderdes, ofereci um sacrifício [...]. Sobre-tudo, aceitai e suportai com submissão o sofrimento que o Senhor vos enviar”.

Com base na experiência vivida e nos testemunhos vários que comigo partilharam, é certo que exercícios

espirituais propiciados assim neste formato de retiro ajudam a pessoa doente e na fragilidade a olhar para a sua condição com outros olhos e sentido de fé, com “resignação” humana, mas sobretudo na aceitação e oferecimento espiritual do sofrimento para reparação dos corações humanos em desagravo das ofensas, blasfêmias contra Deus, o Sagrado Coração de Jesus e a Virgem Santíssima.

O retiro leva-nos a dar à vida o verdadeiro sentido da condição de peregrinos na terra com os olhos no Céu, na esperança da vida eterna junto de Deus.

Peregrinação de Junho deixa alerta para desumanização pela tecnologia

Bispo da Guarda presidiu à segunda grande Peregrinação de 2026 e propôs três ações práticas centradas no coração para salvaguardar a humanidade nos tempos atuais.

Diogo Carvalho Alves



Na Peregrinação Internacional Aniversária de Junho, o bispo da Guarda, D. José Miguel Barata Pereira, deixou fortes apelos à paz e alertou para a desumanização trazida pela tecnologia.

Na homilia que proferiu na noite do dia 12, na celebração da Palavra, o presidente da Peregrinação apelou a uma cultura de paz, diálogo e procura do bem comum, afirmando que nem a vida espiritual nem a organização da sociedade podem assentar em mecanismos de influência, força ou interesses pessoais.

D. José Miguel Barata Pereira lançou um olhar aos desafios da vida social e internacional e defendeu que a transformação das sociedades não acontece pela imposição ou pela influência oculta.

“A força transformadora capaz de mover as vontades na procura do bem comum

não é a força das armas, do abuso de poder, das teias secretas de influência ou dos que procuram passar à frente dos outros”, enfatizou D. José Pereira, tendo no horizonte o apelo do Papa Leão XIV para “uma paz desarmada e desarmante”.

Na Missa Internacional, o bispo da Guarda apresentou o Imaculado Coração de Maria como refúgio e caminho para Deus. D. José Pereira defendeu a importância de cuidar e alimentar a vida espiritual para salvaguardar a liberdade e a humanidade, num mundo dominado pela tecnologia.

“Nas nossas sociedades que tendem a humanizar não só os animais, especialmente os de estimação com os quais estabelecemos relações de afeto, mas também os dispositivos e as máquinas, a partir da aplicação da Inteligência Artificial à comunicação digital, à biotecnologia

e à robótica, não podemos esquecer que só nós, seres humanos, temos coração, no sentido usado por Nossa Senhora: esse lugar onde o espírito encontra a luz de sentido dos acontecimentos e da vida”, concretizou o presidente da Peregrinação.

Para salvaguardar a humanidade nos tempos atuais, D. José Pereira propôs três ações práticas, centradas no coração: a valorização do próximo, a importância da memória para manter o coração vivo e o apelo a partilhar com o coração.

“É preciso lembrar o mundo, desde aqui, da Cova da Iria, de que o homem tem coração e precisa de cuidar dele. A pessoa humana não é só conhecimento e tecnologia. Não se encontra nem se realiza apenas com razão e Inteligência Artificial. Precisa de alimentar a sua vida espiritual”, concluiu D. José Pereira.



Peregrinação trouxe militares de todo o país a Fátima

As Forças Armadas e de Segurança peregrinaram a 18 e 19 de junho ao Santuário de Fátima, num encontro que congregou cerca de 4 mil peregrinos.

Na missa da peregrinação, o bispo das Forças Armadas e de Segurança recordou que o serviço militar e policial é “uma resposta a um chamamento que interpela a consciência e exige que se ponha em risco não apenas o corpo, mas também toda a vida interior”.

Na homilia, D. Sérgio Dinis exortou os militares a colocar tudo o que são e fazem “ao serviço do que é mais sagrado: a vida humana”.



Marta Temido fala sobre a sua fé, no podcast “Política em Estado de Graça”

A ex-ministra da saúde e atual deputada do Partido Socialista no Parlamento Europeu, Marta Temido, é a convidada do terceiro episódio do podcast do Santuário de Fátima “Política em Estado de Graça”, já disponível no Spotify e no YouTube.

“Os corredores, as salas dos hospitais... são uma escola extraordinária de humanidade, de dificuldade e de superação. Estar à noite no hospital é talvez das coisas que nos apelam mais a momentos de fé e de autointerrogação”, conta a entrevistada, numa conversa onde se assume uma mulher de fé, embora com dúvidas e questionamentos.



Retiro convidou a descobrir o Coração de Maria como lugar de encontro com Deus

Meia centena de pessoas participou num retiro dinamizado pela Escola do Santuário, no fim de semana de 3 a 5 de julho, que ofereceu uma oportunidade de descobrir o Coração da Virgem Maria como lugar de encontro profundo com Deus.

Ao longo do fim de semana, orientado pelo padre Renato Pereira, da Ordem dos Carmelitas Descalços, os presentes participaram também nas celebrações da devoção dos Primeiros Sábados, que inclui a missa, a hora de reparação e a meditação e adoração eucarística.

A VOZ DO PEREGRINO

A experiência da peregrinação a Fátima contada na primeira pessoa

Os alunos do 3.º ano do Colégio de São João de Brito, de Lisboa, estiveram no Santuário de Fátima, para um dia de aprendizagem e de preparação para a Primeira Comunhão. Os pequenos peregrinos partilharam a sua experiência em Fátima.

Sara Francisco

“As pessoas pedem coisas a Maria e elas vêm agradecer”

“Esta é a segunda vez que venho a Fátima e gostei de ver as pessoas a andar de joelhos. Sinto que nós pedimos muitas coisas e depois essas pessoas pedem coisas a Maria e elas vêm agradecer. Nessa zona, também gostei da estátua dourada de Jesus e já aprendi tantas coisas! Quando os Pastorinhos estavam a falar com a Nossa Senhora, a Jacinta e a Lúcia conseguiam ouvir, mas o Francisco não”.

FRANCISCO LUCAS
LISBOA (8 ANOS)



“Sinto-me contente, porque vou receber Jesus na minha Primeira Comunhão”

“Esta é a minha primeira vez em Fátima e sinto-me muito feliz. Gostei muito de estar na missa, de ver a imagem de

Jesus e de cantar para Ele. Sou escuteira e costumo ir à missa todos os sábados. Aprendi que devo rezar todos os dias e agora quero rezar o terço. Sinto-me contente, porque vou receber Jesus na minha Primeira Comunhão”.

GABRIELA ROCHA
LISBOA (8 ANOS)

“O meu lugar favorito é a Capelinha, onde está Nossa Senhora”

“Já é a segunda vez que venho aqui e do que mais gostei de saber foi que a Basílica da Santíssima Trindade é a

maior de Portugal. O meu lugar favorito no Santuário é a Capelinha das Aparições, onde está Nossa Senhora. Gostei muito de estar no coro. Há coisas que nós achamos que não vão acontecer e Maria e Deus conseguiram acabar com a guerra”.

JOSÉ MAGALHÃES
LISBOA (8 ANOS)

“O que mais me impressionou foi a estátua dourada de Jesus”

“Gostei de tudo nesta minha primeira visita, especialmente de ir à missa. Vou dizer aos meus pais. O que mais me impressionou foi a estátua dourada de Jesus. Aprendi que os Pastorinhos rezavam quase todos os dias e, por isso, acho que também é melhor eu rezar mais vezes”.

MADALENA VIEIRA
LISBOA (8 ANOS)

“No meu coração levo a vontade de rezar o terço para a

guerra acabar”

“É a primeira vez que venho e gosto muito do sol e das plantas daqui. Gostei de saber que Nossa Senhora tinha um segredo e que foi revelado aos Pastorinhos. O sítio onde senti mais paz foi perto da fonte, junto da estátua dourada de Jesus. No meu coração, levo a vontade de rezar o terço para a guerra acabar e para todos os países estarem em paz”.

MANUEL LISBOA
LISBOA (8 ANOS)

“Levo muito amor no meu coração”

“Nunca tinha vindo a Fátima e do que mais gostei foi da Capelinha das Aparições. Aprendi que a Lúcia era prima do Francisco e da Jacinta e que os dois eram irmãos. Vou dizer aos meus pais que vir aqui foi muito divertido e levo muito amor no meu coração. Desejo a paz no mundo e seguir os ensinamentos de Jesus e Maria”.

MATILDE MARCELINO
LISBOA (8 ANOS)

RETIFICAÇÃO: Na página 4 da edição de junho de 2026, no artigo “Há 45 anos o Papa João Paulo II sobrevivia a um atentado na Praça de São Pedro”, é referido erradamente que a batina ensanguentada que o Papa João Paulo II vestia no atentado à vida de 13 de maio de 1981 se encontra no Santuário de Fátima. A referida batina encontra-se no Santuário de São João Paulo II, em Cracóvia, na Polónia. No Santuário de Fátima, na exposição permanente, podem ser vistos de perto alguns objetos que foram oferecidos pelo Papa polaco, entre os quais alguns paramentos que lhe pertenceram, nomeadamente três casulas e uma batina — distinta da que usava no dia do atentado.

A Voz da Fátima agradece os donativos enviados para apoio da sua publicação

Propriedade e Edição

Santuário de Nossa Senhora do Rosário de Fátima
Fábrica do Santuário de Nossa Senhora de Fátima
Rua de Santa Isabel, 360
AVENÇA – Tiragem média: 40 000 exemplares
NIPC: 500 746 699 – Depósito Legal N.º 163/83
ISSN: 1646-8821
N.º de Registo na ERC 127626, 23/07/2021
Publicação Doutrinária

Redação e Administração

Diretor: Padre Carlos Manuel Pedrosa Cabecinhas
Redação: Gabinete de Comunicação do Santuário de Fátima
Fotografia: Arquivo do Santuário de Fátima
Revisão: André Pereira e Carla Abreu Vaz
Santuário de Fátima
Rua de Santa Isabel, 360; Cova da Iria
2495-424 FÁTIMA
Telefone: 249 539 600
Administração: assinaturas@fatima.pt
Redação: press@fatima.pt | www.fatima.pt

Assinatura Gratuita

Donativos para ajudar esta publicação:
*Transferência Bancária Nacional (Millennium BCP) NIB: 0033 0000 50032983248 05
*Transferência Bancária Internacional IBAN: PT50 0033 0000 5003 2983 2480 5
BIC/SWIFT: BCOMPTPL
*Cheque ou Vale Postal: Santuário de Nossa Senhora de Fátima
(Morada do Santuário, com indicação “Para VF — Voz da Fátima”)
Não usar para pagamento de quotas do MMF
Impressão
Naveprinter-Indústria Grafica do Norte S.A
EN 17, Lugar da Pinta, Apartado 1121| 4471-909 Maia | NIPC: 502364947

Novo livro estuda o impacto de Fátima na primeira década

Obra da autoria de Luís Miguel Ferraz foi lançada no início do mês e analisa a cobertura das aparições de Fátima no jornal diocesano O Mensageiro, na primeira década após o acontecimento.

Diogo Carvalho Alves



O Santuário de Fátima publicou, no passado dia 2 de julho, o quinto volume da sua coleção História, Cultura e Sociedade. A apresentação do livro *As Aparições de Fátima no jornal O Mensageiro (1917-1927): história e teologia do seu impacto para a revitalização do catolicismo no contexto da I República e da I Guerra Mundial*, da autoria de Luís Miguel Ferraz, aconteceu no final do segundo dia dos Cursos de Verão.

A sessão foi presidida por Marco Daniel Duarte, diretor da Academia de Estudos do Santuário de Fátima, que destacou a importância de somar este título ao labor editorial da instituição, que remonta aos anos 30 do século passado.

“O empenho que o Santuário de Fátima tem nestas publicações inscreve-se na sua missão de estudar e divulgar os estudos dos que inscreveram Fátima nos seus currícula de investigadores. Felizmente podemos hoje dizer que Fátima é já tema de investigações em Portugal e no estrangeiro”, disse Marco

Daniel Duarte.

A apresentação da obra ficou a cargo de Paulo Fontes, do Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa, que salientou o facto de este ser, acima de tudo, um “livro de história” e não uma obra devocional, que analisa o primeiro momento fundador de Fátima.

Na perspetiva de Paulo Fontes, este volume explora como Fátima contribuiu para a transição de um “catolicismo defensivo” para um “catolicismo de mobilização”, capaz de ocupar o espaço público num contexto de laicização imposto pela Primeira República.

A obra tem como fonte o jornal regional *O Mensageiro*, fundado em 1914 para lutar pela restauração da Diocese de Leiria, e mostra, segundo Paulo Fontes, como a imprensa católica serviu de veículo para a “boa imprensa” em oposição à narrativa secular da época, ajudando a moldar a perceção das aparições em tempo real.

A investigação resgata a

importância do padre José Ferreira Lacerda fundador e diretor do jornal à época e figura central na Diocese de Leiria, que, após regressar da frente de batalha na I Guerra Mundial, entrevistou os Pastorinhos, em 1917, e publicou este testemunho n’ *O Mensageiro*.

O volume agora publicado é resultado de mais de uma década de trabalho do autor, Luís Miguel Ferraz, que integra atualmente a Academia de Estudos do Santuário de Fátima. O estudo teve origem na sua tese de mestrado, defendida na Universidade Católica Portuguesa, que viria a ser atualizada com o acesso a novas fontes e arquivos.

“O propósito foi o de olhar para Fátima como um historiador, procurando compreender o contexto em que tudo aconteceu, as reações que suscitou, a forma como aquelas notícias foram sendo recebidas, discutidas e transmitidas”, partilhou o autor, que perspetiva o seu trabalho como um meio para compreender melhor as pessoas e as instituições desta época concreta.

“Conhecer melhor a história não diminui a fé de quem acredita, nem fortalece automaticamente a posição de quem não acredita. Ajudamos, acima de tudo, a compreender melhor as pessoas, o seu tempo e as razões pelas quais determinados acontecimentos marcaram profundamente a vida de tantas gerações”, concluiu o autor.

A obra pode ser adquirida nas lojas do Santuário de Fátima.

AGENDA julho

13 seg	PEREGRINAÇÃO INTERNACIONAL ANIVERSÁRIA
14 ter	DEM PARA O MEIO (14-20) FÉRIAS PARA PAIS DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA
23 qui	DEM PARA O MEIO (23-29) FÉRIAS PARA PAIS DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA RETIRO DE DOENTES (23-26)
26 dom	DIA MUNDIAL DOS AVÓS E DOS IDOSOS
31 sex	PEREGRINAÇÃO DE IDOSOS (31-1)

agosto

1 sáb	DEM PARA O MEIO (1-7) FÉRIAS PARA PAIS DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA
5 qua	“INTO THE LIGHT” PROPOSTA PASTORAL PARA JOVENS (5-9) VISITA TEMÁTICA À EXPOSIÇÃO TEMPORÁRIA “REFÚGIO E CAMINHO” (21H15-22H30)
10 seg	DEM PARA O MEIO (10-16) FÉRIAS PARA PAIS DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA
13 qui	PEREGRINAÇÃO INTERNACIONAL ANIVERSÁRIA

Recitais de órgão nas tardes de verão

O maior órgão de tubos de Portugal recebe um ciclo de recitais gratuitos dedicados aos peregrinos da Cova da Iria.

Diogo Carvalho Alves

Já é conhecido o programa cultural do próximo trimestre do ciclo Recitais de Órgão que o Santuário de Fátima oferece aos domingos, às 15h30, na Basílica de Nossa Senhora do Rosário de Fátima.

Em julho, agosto e setembro, os recitais no maior órgão de tubos de Portugal serão assumidos pelos organistas Sílvio Vicente, João Guerra e António Mota.

O repertório de cada recital é definido por cada organista, com obras que realçam as características únicas do órgão e a vasta paleta sonora de 90 registos e aproxi-

madamente 6500 tubos.

“O objetivo destes recitais é levar o órgão para além do contexto litúrgico, proporcionando ao peregrino a oportunidade de o escutar num ambiente performativo. Neste sentido, cabe ao organista aproveitar esta ocasião para explorar o instrumento, dando a ouvir diferentes sons, timbres e texturas”, recorda Sílvio Vicente, organista titular do Santuário.

Desde o início de 2026, já se realizaram nas tardes de domingo 22 recitais de órgão na Basílica de Nossa Senhora do Rosário de Fátima.